

APRESENTAÇÃO

Ao prefaciá-lo, em 1941, as *Memórias de um colono no Brasil*, de Thomas Davatz, Sérgio Buarque de Holanda anunciava um procedimento de pesquisa que mais tarde se tornaria uma referência nas ciências sociais:

Para estudar o passado de um povo, de uma instituição, de uma classe, não basta aceitar ao pé da letra tudo quanto nos deixou a simples tradição escrita. É preciso fazer falar a multidão imensa dos figurantes mudos que enchem o panorama da história e são muitas vezes mais interessantes e mais importantes do que os outros, os que apenas escrevem a história¹.

Ao pacientemente buscar, coletar, descrever e analisar as práticas, os discursos, as aspirações, os sentimentos e as lembranças das trabalhadoras e trabalhadores dos campos, os artigos deste Dossiê Memória Camponesa levam muito a sério essa pioneira lição de Sérgio Buarque. Seus autores, contrários às tendências de ignorar, esquecer ou silenciar a memória desses sujeitos históricos, contribuem com novos e esclarecedores conhecimentos que nos ajudam a melhor compreender a diversidade das experiências vividas pelos camponeses em variadas figurações locais e em diferentes processos sociais na América Latina contemporânea.

Em delicada homenagem a Elisabeth Lobo, o artigo de Maria Aparecida de Moraes Silva nos traz uma importante análise sobre as trajetórias de trabalhadoras rurais. Compreendendo que as trajetórias femininas não seguem um caminho linear e que pertencem a indivíduos que compõem um determinado grupo social, a autora nos apresenta histórias de vida de mulheres em

1 HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Livro dos prefácios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 43.

luta pela sobrevivência das áreas de cultivo de café, laranja, cana-de-açúcar, cebola, amendoim, tomate, manga, no estado de São Paulo, das veredas e grotas do Vale do Jequitinhonha (MG) e dos babaçuais maranhenses. Ancorada na metodologia da história oral, a análise das histórias de vida dessas mulheres de diferentes cantos do Brasil revelou que suas trajetórias se assemelham: desde pequenas são inseridas no trabalho doméstico, no cuidado com os irmãos mais novos e na roça, auxiliando os pais em diversas atividades. A autora priorizou lembranças do trabalho sob o pano de fundo das desigualdades sociais fundadas na classe, no gênero e na etnia.

Sob a análise das trajetórias, encontra-se também o artigo de Adriana Marcela Bogado. A autora analisa a trajetória de uma família de produtores rurais do Norte da Patagônia argentina, à luz das transformações vivenciadas nos últimos 30 anos, ocasionadas pelas políticas neoliberais que foram empreendidas naquele país. Por meio da metodologia da história oral e de um conjunto de técnicas de pesquisa (entrevistas, fotografias e itinerário etnográfico), a autora recupera a trajetória da família que se dedica à produção frutícola desde a década de 30 do século XX, identificando os “lugares da memória” que se materializam em determinados espaços.

As narrativas de seis espectadores que se envolveram na ocupação da Fazenda Sarandi, no Rio Grande do Sul, na década de 1960, são apresentadas por Bernard José Pereira Alves, para elucidar a importância dessa ocupação para o andamento dos projetos de colonização e reforma agrária ocorridos durante o governo de Leonel Brizola. Por meio das diferentes narrativas, o autor nos mostra de que forma a organização da ocupação se apoiou em elementos que foram imprescindíveis para legitimar a mobilização, bem como a resposta positiva anunciada pelo governo. A análise das diferentes narrativas de sujeitos que vivenciaram esse evento trouxe à luz nuances pouco evidentes no registro oficial. Combinar as informações narradas pelos

diferentes espectadores permitiu ao autor elaborar uma linha de possibilidades para a compreensão tanto do evento, quanto da forma como os interlocutores construíram suas histórias.

Encerrando o Dossiê Memória Camponesa, Manoela Pedroza apresenta uma detida análise documental acerca da forma e do conteúdo das lutas dos posseiros pela terra dos sertões cariocas e da Baixada Fluminense entre as décadas de 1940 e 1960. A autora debruça-se em conceitos, teorias e na análise de jornais, como *Correio da Manhã*, *Jornal do Brasil*, *O Fluminense*, *Última Hora*, *Luta Democrática* e *Terra Livre*, para apresentar a singularidade da racionalidade política das ações camponesas num momento em que o processo de intensa urbanização engendrou uma demanda imobiliária nos territórios vizinhos ao centro da cidade do Rio de Janeiro, implicando conflitos fundiários. A autora apresenta algumas linhas de força que caracterizam o grupo social dos lavradores-depois-posseiros fluminenses, o contexto em que agiram, bem como em qual cenário tiveram sua identidade coletiva reinventada.

Publicamos também a segunda parte da preciosa entrevista de Carlos Rodrigues Brandão a André de Souza Martinello. Ao rememorar sua trajetória de etnógrafo das aldeias rurais da Galícia, das comunidades ribeirinhas do São Francisco e dos povoados e bairros rurais de Catuçaba, Caldas, Itapira, Mossâmedes e Joanópolis, Carlos Rodrigues Brandão nos dá inesquecíveis lições de antropologia, educação e literatura. Em meio a uma deliciosa narrativa plena de afetos, amizades, aventuras e peripécias vividas no percurso de um sempre engajado trabalho de campo, Brandão sumariza, com intensidade etnográfica, suas inventivas reflexões antropológicas sobre as muitas formas da campesinidade manifestas na polissemia das representações dos “nomes dos trabalhos” e nas miríades dos “modos camponeses” de ser, agir e pensar.

Por último, na seção artigo, Cynthia Pizarro e Verónica Trpin apresentam uma análise das práticas de reprodução e

resistência das condições laborais de trabalhadores rurais das províncias de Rio Negro, Córdoba e Buenos Aires, na Argentina. Ancoradas em pesquisa etnográfica, em análise documental sobre a norma que regula o trabalho rural, em observação participante sobre os processos laborais e em entrevistas com trabalhadores, patrões e representantes sindicais, as autoras expõem as relações entre trabalhadores dos setores frutícola e hortícola e o nascimento das demandas do mercado interno e externo. Nesse cenário, retomam a historicidade dos mercados e dos processos de trabalho.

Carmen Silvia Andriolli
Ceres/ IFCH/Unicamp

Fernando Antonio Lourenço
Departamento de Sociologia
Ceres/IFCH/Unicamp